

# A escolha de curso de pedagogia: narrativas e representações sociais de estudantes da UFV

*Lourdes Helena Silva\**

*Marisa Barletto\*\**

## Resumo

Neste trabalho, sistematizamos algumas reflexões e análises construídas na pesquisa Narrativas de trajetórias de vida de alunas do curso de Pedagogia da UFV, integrante do Programa de Estudos Representações Sociais do Trabalho Docente, desenvolvido no âmbito do CIERs. Especificamente, nosso propósito foi compreender os processos pelos quais se têm constituído as 'identidades' da pedagoga, a partir das narrativas das memórias de estudantes universitárias sobre suas histórias de vida. Os instrumentos de investigação utilizados foram questionários e entrevistas em história oral. Os resultados de nossas análises revelam que a opção pelo curso de Pedagogia de estudantes da Universidade Federal de Viçosa se apresentou como o resultado de um processo de negociações de 'identidades' de gênero, de classe e de pertencimento sociogeográfico que, por sua vez, mantém intensa relação com as representações sociais construídas pelo grupo sobre o trabalho docente. **Palavras-chave:** Representações Sociais; Narrativas de Trajetórias; Escolha de Curso.

---

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa.

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa.

# The Choice of Course Pedagogy: Narratives and Social Representations of Students UFV

## Abstract

The present work systematized some of our reflections and analyses on the research Narratives from life trajectories of female students from the UFV Pedagogy undergraduate program, included in the Program of Studies Social Representations of the Teaching Work, which is related to CIERS. We aimed specifically to understand the processes by which the 'identity' of pedagogues is constructed, through the narratives of memories of college students. Questionnaires and interviews in oral history were the research tools employed. The results of our analysis demonstrate that UFV students have chosen the Pedagogy undergraduate program as a result of a process of negotiation of 'identity', gender, class and socio-geographical belonging, which, in turn, maintain a close relationship with the social representations of teaching constructed by the group.

**Keywords:** Social Representations; Narratives of Trajectories; Course Selection.

## La elección de la pedagogía del curso: narrativas y representaciones sociales de los estudiantes UFV

## Resumen

En este artículo se sistematizan algunas reflexiones sobre la investigación y el análisis de las trayectorias narrativas construidas de vida de los estudiantes de la Facultad de Educación de la UFV, miembro de las Representaciones de Estudios Sociales de la Obra Programa de Enseñanza, desarrollado bajo la CIERS-. En concreto, nuestro objetivo era comprender los procesos por los cuales se han constituido las "identidades" del educador, a través de las narraciones de los recuerdos de los estudiantes universitarios acerca de sus historias de vida. Los instrumentos de investigación utilizados fueron cuestionarios y entrevistas de historia oral. Los resultados de nuestros análisis revelan que la opción para los estudiantes de la Facultad de Educación, Universidad Federal de Viçosa presenta como el resultado de un proceso de negociación de la "identidad" de género, clase

y sociogeográfico pertenencia que, a su vez, mantener intensa relación con las representaciones sociales construidas por el grupo sobre la profesión docente.

**Palabras clave:** Representaciones sociales; Relatos de trayectorias; la elección del curso.

## Introdução

Este trabalho integra o Programa de Estudos Representações, Memórias e Práticas de Estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa, desenvolvido em parceria com o Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERS-Ed). Nele, buscamos sistematizar reflexões e análises oriundas da primeira etapa do projeto Representações Sociais do Trabalho Docente<sup>1</sup>, que foram construídas no diálogo com os resultados do estudo sobre Narrativas de trajetórias de vida de alunas do curso de Pedagogia da UFV<sup>2</sup>.

Em estudo anterior sobre narrativas de egressas do curso de Pedagogia da UFV, Barletto (2006) revela que o ‘ser pedagoga’ estava conjugado com uma série de questões sociais e políticas, envolvidas nas posições de sujeito de gênero e geração das estudantes. Seus resultados evidenciaram, ainda, que essas questões encontravam-se situadas nas realidades da pequena cidade universitária em diferentes vertentes: não só nos futuros possíveis para aquelas jovens, em que os projetos organizavam uma imagem de si; mas também condicionando memórias do passado da família em suas condições e experiências no lugar.

---

<sup>1</sup> Projeto coordenado pelo CIERS-Ed, com objetivo de identificar como estudantes de graduação da área de Educação (Pedagogia e cursos de Licenciatura) definem sua futura profissão por meio da análise dos processos de construção de suas representações sociais sobre o trabalho docente. O estudo conta com uma rede de pesquisadores que congrega 31 grupos de pesquisa consolidados, provenientes de 25 instituições nacionais e internacionais e caracteriza-se por ser uma pesquisa longitudinal.

<sup>2</sup> Pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Estudos *Representações, Memórias e Práticas de Estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa* com objetivo de analisar os processos pelos quais vão sendo tecidas as ‘identidades’ de estudantes universitárias em Pedagogia, a partir da narrativa da memória sobre suas histórias de vida. Tal análise visa apreender, no contexto das pequenas cidades, os elementos significativos da memória da escolha do curso e da experiência da entrada na vida universitária.

É na busca de avançar nessas análises que se situa o presente artigo, cujo objetivo é compreender os processos pelos quais se têm constituído as ‘identidades’ da pedagoga, por meio das narrativas das memórias de estudantes universitárias sobre suas histórias de vida.

Como aporte teórico, a história de vida é abordada como um “fio de um destino particular e com ele a multiplicidade dos espaços e tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve” (REVEL, 1998, p.21). O marco teórico considerado é, portanto, o campo de história oral, mais especificamente, a memória construída nas narrativas de história oral. A narrativa da memória, por sua vez, é entendida como sendo a organização de um caminho percorrido, uma retrospectiva sobre si mesma em relações, situações e projetos que foram se desenrolando por entre necessidades e contingências num tempo passado, envolvendo “lugares, acontecimentos e personagens” (POLLAK, 1992). Tal organização envolve, assim, um trabalho seletivo de memória pelas estudantes, de modo a construir uma narrativa, tecendo as conexões envolvidas na entrada no curso na UFV e a situação atual de graduandas de Pedagogia.

Sob essa perspectiva, lembrar é refazer, para as entrevistadas, suas histórias de família, da cidade de origem, da escolarização, da relação com a universidade. Todavia, esse momento de contar sua trajetória não é assumido neste estudo como um ‘ponto de chegada’ – momento final de uma cronologia desfiada na narrativa – mas, ao contrário, como um dos pontos de partida. Destaca-se, ainda, que a experiência na vida universitária também é geradora de significado da história narrada, já que as experiências passadas também são interpretadas com os significados da experiência presente.

E neste aspecto, Pollak (1992) afirma que existe uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e sentimento de identidade, a qual é imagem de si, para si e para os outros. Segundo ele, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto a individual como a coletiva. O modo como as memórias tratam, na forma de narrativa, as experiências do ‘antes’ e do ‘depois’ de entrar na universidade,

envolve uma pluralidade de sentidos, de situações reordenadas sobre a imagem das entrevistadas como estudantes de Pedagogia e dos percursos da vida na pequena cidade. São fragmentos de vários tempos/espços.

As categorias identidade e experiência vivida assumem, em nossa pesquisa, uma relevância teórica não apenas pelas contribuições para a compreensão das trajetórias de alunas de Pedagogia da UFV, como também por se constituírem em mediações teóricas que viabilizam diálogos com os dados da pesquisa sobre Representações Sociais do Trabalho Docente.

Identidade é aqui entendida, para além da análise de Pollak, como dinâmica psicossocial de diferenciações e semelhanças grupais (eu/outro), dimensionando a individualidade e os pertencimentos sociais e culturais. Segundo Stuart Hall (1997), a nossa identidade não emerge de um centro interior, de um ‘eu verdadeiro e único’, próprio da concepção iluminista, mas do diálogo entre os discursos de uma cultura e as nossas respostas aos apelos feitos por esses significados.

Nesta perspectiva, Ciampa (1987) considera que embora a identidade evoque a aparência de totalidade, ela refere-se a múltiplos personagens que “ora se conservam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam”. É essa interpenetração entre vários personagens, no contexto das relações sociais, que dá o caráter dinâmico e processual da “identidade enquanto repetição diferenciada” (CIAMPA, 1987, p.167).

A dinâmica da identidade tem, portanto, intensa relação com as representações sociais, pois estas corresponderiam a grande parte dos instrumentos simbólicos acionados para a elaboração da ‘repetição diferenciada’ da alteridade.

Em relação à noção experiência vivida, ela é entendida na perspectiva de Jodelet (2005), como o modo pelo qual sentimos uma dada situação em nosso íntimo e elaboramos – via um trabalho psíquico e cognitivo, as ressonâncias positivas e negativas, assim como as relações e ações desenvolvidas naquela situação. Nessa dinâmica, Jodelet destaca, ainda, os mecanismos de interpretação das situações concretas, tanto nos processos de adequação, quanto de integração de sentidos. Ela ressalta, tam-

bém, que a noção de experiência fundamenta as argumentações de Moscovici sobre os mecanismos de ancoragem e objetivação, ou seja, as representações sociais como fundamento das “interpretações feitas do mundo vivido no aqui e no agora da experiência da vida cotidiana” (JODELET, 2005, p. 38).

Tardif (2000) considera que as experiências formadoras vividas funcionam como marcadores afetivos, além de serem fixadas na memória por referenciais de tempo e lugar. E nessas experiências formadoras estão presentes dimensões identitárias e de socialização profissional, assim como os movimentos de transformação inerentes, como processo dinâmico.

É preciso considerar, entretanto, que as representações sociais não são os únicos referenciais cognitivos dos sujeitos. É nesta perspectiva que situamos as contribuições das narrativas sobre histórias de vida que, conforme explicita Kofes (2001), revelam informações, falam de uma experiência que ultrapassa o sujeito que relata; constituem evocações que transmitem a dimensão subjetiva e interpretativa do sujeito e reflexões que contêm uma análise sobre a experiência vivida. No âmbito do estudo Narrativas de Trajetórias de Vida de Estudantes de Pedagogia da UFV, a pluralidade e singularidade dos marcadores de gênero, geração, espaço e lugar foram privilegiados no presente artigo, entendendo suas contribuições para os estudos em representações sociais.

## As Narrativas sobre a Escolha do Curso de Pedagogia

Considerando a especificidade do recorte teórico assumido e o propósito de construção de diálogos entre as narrativas e as representações sociais de estudantes de Pedagogia da UFV, nossas reflexões têm como ponto de partida as questões que abordaram a dimensão das famílias e de outros espaços intersubjetivos. Assim, nossa escolha recaiu sobre dois tópicos abertos do questionário aplicado aos estudantes, por ocasião da primeira fase do projeto Representações Sociais do Trabalho Docente, coordenado pelo CIERS. Foram elas: sua família acha que fez uma boa escolha profissional? Seus amigos falam que ser professor(a) vale a pena ou não? É importante destacar que essas questões foram anali-

sadas conjugando os resultados globais da pesquisa coordenada pelo CIERs, oriundos dos 2.789 questionários aplicados e os resultados da tabulação do mesmo questionário respondido por 50 estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa.

Ao analisar a avaliação das famílias sobre a escolha do curso, os dados obtidos junto a estudantes de Pedagogia da UFV indicaram um percentual de 24% de respostas, no universo de 50 questionários respondidos, de que as famílias consideram que as estudantes não fizeram uma boa escolha. Na explicação e/ou justificativa sobre essa posição da família, a maioria das estudantes relaciona, de um lado, aspectos do baixo salário; e, de outro, a desvalorização da profissão. Assim, conforme Quadro I, a avaliação negativa da família sobre a escolha do curso de Pedagogia se sustenta em razões econômicas e sociais, relativas à baixa remuneração e ao baixo status profissional.

#### *Quadro I*

Justificativas da Avaliação Negativa das Famílias sobre a Escolha do Curso – Dados Específicos da UFV (n=50)	Frequência %
Baixo salário	14%
Preferência pelos Cursos de Administração ou Economia	2%
Desvalorização da Educação	2%
Perfil Inadequado	2%
Não justificou	2%
Respondeu negativamente, mas disse que a família apoia	2%
TOTAL	24%

É interessante destacar, em uma primeira aproximação dos dados gerais da pesquisa Representações Sociais do Trabalho Docente e os dados específicos obtidos junto às estudantes de Pedagogia da UFV, que os resultados não apresentaram diferenças significativas. O baixo salário como justificativa para a avaliação negativa da família quanto à opção de profissão do estudante é bastante significativo. Todavia, é ainda mais significativo é o fato de, neste contexto, não ter emergido em nenhuma das respostas qualquer referência às condições precárias do ambiente escolar; diferentemente dos dados gerais da pesquisa nos quais esta re-

ferência aparece em 38% das respostas, conforme Quadro II. Pode-se depreender disso que a precariedade do ambiente escolar seja mais pregnante nos centros urbano-industriais e nos cursos de Licenciatura, tendo em vista que a maioria das instituições integrantes da pesquisa Representações Sociais do Trabalho Docente, coordenada pelo CIERS, tem essas características. Sob esta lógica, este é um aspecto que marca uma especificidade na construção das representações de estudantes de Pedagogia da UFV.

### *Quadro II*

Justificativas da Avaliação Negativa das Famílias sobre a Escolha do Curso – Dados Gerais do CIERS (n=2789)	Frequência %
Dificuldades no ambiente escolar e baixo salário	38%
Profissão não é valorizada e é pouco remunerada	32%
Salário muito baixo não compensa o esforço de formação	17%
Oposição entre baixo salário e desgaste/responsabilidade	13%
TOTAL	100%

Nos casos em que a família considerava uma boa escolha do curso, de 76% respostas de estudantes da UFV, 70% delas apresentavam justificativas, as quais estavam relacionadas com a autonomia, ou seja, o fato de a família apoiar a decisão tomada pela estudante; a empregabilidade; a vocação ou mesmo a consideração de ser uma “boa profissão”, conforme Quadro III. As outras respostas (6%) fazem referência a concepções de ‘idealização’ da profissão.

### *Quadro III*

Justificativas da Avaliação Positiva das Famílias sobre a Escolha do Curso – Dados Específicos da UFV (n=50)	Frequência %
Tendência de Apoio da Família	26%
Empregabilidade	12%
Vocação	16%
Valorização da Profissão	10%
Crença na Educação	6%
TOTAL	70%



Na pesquisa coordenada pelo CIERS, conforme Quadro IV, os resultados sobre a avaliação positiva da escolha do curso foram muito semelhantes, indicando, também, aspectos relacionados com a autonomia, a empregabilidade, a vocação, o “fazer o que gosta”, a satisfação de ensinar e ver o aluno aprender, ser uma ‘bela profissão’ e a idealização.

#### *Quadro IV*

Justificativas da Avaliação Positiva das Famílias sobre a Escolha do Curso – Dados Gerais do CIERS (n=2789)	Frequência %
Gostar da profissão	22%
Valorização da profissão	19%
Satisfação de ensinar e do aluno aprender	14%
Crença na Educação	14%
Empregabilidade	12%
Vocação	09%
Tendência de apoio da Família	10%
TOTAL	100%

Analisando esses dados gerais da pesquisa, é possível considerar que justificativas relacionadas com o ter “jeito com criança”, o “gostar da profissão de ensinar” e a “satisfação do ensinar” – podem ser indicadores representativos de uma categoria mais geral, a de vocação, que pode ser diferenciada, em termos dos argumentos, do discurso biológico (‘dom’), do discurso psicológico ou do discurso social. Nesta perspectiva, na totalidade dos dados obtidos, a categoria vocação englobaria 45% dos argumentos apresentados.

Aproximando os resultados gerais da pesquisa do CIERS com os resultados específicos da UFV, conforme descrito no Quadro V, interessa-nos destacar os seguintes aspectos: enquanto o argumento de autonomia apresentado na avaliação positiva da escolha do curso emerge com uma frequência acentuada entre estudantes de Pedagogia da UFV, ele é bastante tênue nos resultados gerais da pesquisa. Por outro lado, a ideia de vocação

– seja devido ao “dom com criança”, seja devido ao “gosto”, é proporcionalmente menor entre as estudantes de Pedagogia da UFV em relação aos dados gerais da pesquisa.

#### *Quadro V*

Justificativas da Avaliação Positiva das Famílias sobre a Escolha do Curso – QUADRO COMPARATIVO	CIERS-Ed	Curso de Pedagogia da UFV
Autonomia	10%	37%
Vocação (biológica, psicológica ou social)	45%	22%

Na busca de compreender as especificidades dos resultados da pesquisa Representações Sociais do Trabalho Docente, particularmente os dados obtidos junto a estudantes da UFV, tencionaremos as diferenças identificadas na interlocução com os resultados da pesquisa Narrativas de Trajetórias de Vida de Estudantes de Pedagogia da UFV, realizada com nove (9) alunas do curso de Pedagogia que ingressaram no ano de 2006.

### **Narrativas e representações sociais: diálogos possíveis**

Na interlocução dos dados gerais da pesquisa Representações Sociais do Trabalho Docente com a análise das nove (9) narrativas das estudantes de Pedagogia da UFV, emerge inicialmente que a família à qual estas estudantes fazem referência não é uma formação monolítica, principalmente no que se refere às impressões construídas por elas sobre a escolha profissional. Os sujeitos das famílias abordadas nas narrativas envolvem pai, mãe, avôs e avós, primos, tias, além de namorado, irmão do namorado. Todos integrantes de um grupo de ‘parentes’ ou de uma rede familiar, dadas as relações afetivas apontadas entre esses sujeitos.

De modo geral, as nove (9) entrevistadas dedicaram pouco tempo da narrativa à figura do pai, sendo que este ou apoiava a escolha qualquer que fosse (3/9), dando ênfase ao interesse que a filha continuasse estudando; ou queria que fizesse outro curso,

que ‘puxasse para a roça’, como a opção pela agronomia ou veterinária (1/9); ou não falaram nada (1/9) ou não foi citado (4/9).

Todavia, a figura da mãe apareceu com destaque nas referências sobre o processo de escolha do curso, em quatro (4) narrativas, expressando um apoio genérico a qualquer opção que a filha tomasse. Entretanto, apesar de não apresentarem as opiniões explícitas da mãe, uma das alunas informou que a mãe é professora; outra informou que a mãe fez o curso normal superior e que a avó considerava que Pedagogia era uma boa área para arrumar emprego; e uma terceira informou que a tia era pedagoga e sempre investiu muito para que os sobrinhos estudassem. Outra forma em que a figura da mãe apareceu nas narrativas era dizendo para a filha fazer o que gostava (1). Em outras narrativas (2), a mãe aconselhava que a filha deveria fazer o que “desse para passar” e que “desse emprego”. Em uma delas, os amigos da escola apareciam fazendo ‘pressão’ de que “tem que entrar em curso fácil”. Em outra narrativa (1), a posição da mãe era contrária à escolha do curso de Pedagogia, optando por um curso de Direito. A estudante relatou que não passou em Direito e o namorado sugeriu que fizesse Pedagogia porque “tinha muito jeito com criança”, e a mãe aprovou a decisão. Em apenas uma entrevista não houve referência à família.

Duas narrativas sobre as trajetórias de vida das estudantes de Pedagogia da UFV remetem ao espaço familiar sob outra perspectiva: uma entrevistada resgatou que o avô e a mãe fizeram o curso de Direito e que, apesar de terem apoiado a decisão da escolha do curso, eles “na discreta, jogam piadinha...”. Outra estudante destacou que ela é o primeiro membro da família a cursar uma universidade pública, remetendo-se aos primos, primas e tias que fazem curso superior.

As nove (9) estudantes entrevistadas informaram adorar o curso que realizam. Entretanto, seis (6/9) delas informaram que fizeram vestibulares anteriores, pelo menos três vezes, para os seguintes cursos: Letras (3); Psicologia (2), Secretariado, Direito, Administração, Relações Públicas, Farmácia; Nutrição e História.

Sobre o que os(as) amigos(as) falam sobre ser professor – se vale ou não vale a pena e por quê, nas narrativas das estu-

dantes de Pedagogia da UFV os amigos não apareceram tratando desse assunto. A referência que emergiu, de maneira significativa, foi a rede familiar ampliada – primos, primas, avós, tias, conforme anteriormente destacado. Os(as) amigos(as) que apareceram nas narrativas das estudantes são os(as) do ensino médio, que foram mapeados em termos de quantos(as) fizeram o vestibular, quantos(as) passaram, etc. Todavia, eles(as) não foram presenças significativas nas narrativas das trajetórias. O destaque maior foi o de separação dos(as) amigos(as), dos destinos que tomaram a partir da conclusão do ensino médio. Esse, aliás, é o elemento de memória resgatado como relevante no dimensionamento das posições dos sujeitos na elaboração das referências de identidade.

A superfície do discurso sobre a Pedagogia como curso feminino, por ter um grande contingente de estudantes mulheres, pode levar a uma compreensão que reforça a lógica do determinismo do feminino, ou seja, que seria quase ‘natural’ que mulheres do interior procurem cursos para mulheres-professoras. Na pesquisa de BARLETTTO (2006), sobre as egressas de Pedagogia da UFV da década de 1980, a análise mostrou que, ao contrário, chegar a esses lugares tidos como ‘destinos’ não teve nada de natural e envolveu uma série de negociações e astúcias, reveladas como experiências de contestação e movimentos intensos de subjetividade, mas que ficam invisíveis nessa classificação superficial de ‘curso feminino’. Não foi simples o percurso de jovens mulheres de pequenas cidades até uma universidade pública, mesmo que fosse num curso desvalorizado academicamente, como é o caso da Pedagogia.

Por fim, gostaríamos de resgatar um dos resultados da pesquisa *Representações Sociais do Trabalho Docente*, na particularidade dos dados obtidos junto a estudantes da UFV: a afirmação “a família não acha que fez uma boa escolha do curso” não emergiu em nenhuma das narrativas construídas pelas estudantes da UFV, ou melhor, as narrativas não destacaram que as famílias consideravam que as estudantes não tinham feito uma boa escolha, apesar de haver referência de que o curso de Pedagogia seria fraco. Discordar do curso não necessariamente foi discordância com a escolha. Por outro lado, as razões arroladas nas justifi-

cativas dos dados gerais da pesquisa sobre “a família não acha que fez boa escolha” foram coincidentes com as narrativas das estudantes de Pedagogia da UFV.

Estas justificativas se desenharam como negociações sobre os desejos e expectativas de alguns membros da família – da figura materna mais frequentemente – e as possibilidades objetivas no processo de escolha do curso pelas estudantes. Assim, conforme destacado anteriormente, o fato de a família apoiar a escolha do curso, justificada como sendo respeito à autonomia da aluna, não significa que a família apoia a formação em Pedagogia; significa que ela não entra em desacordo com a escolha. Mesmo que a família tivesse expectativa da escolha da aluna por outro curso – encontrando correspondência dessa expectativa nas alunas, pois tentaram outros vestibulares – o fato de não conseguir passar em outro curso (4/9) ou ter que mudar de Estado (1/9) faz a aderência ao ‘respeito’ pela aluna: não é o que ela quer somente; é também o que ela consegue, dadas as circunstâncias. Entendemos que aqui se encontra uma interpretação possível da distensão entre os dados gerais da pesquisa Representações Sociais do Trabalho Docente realizada com estudantes de Pedagogia e Licenciaturas, e os dados da pesquisa realizada com estudantes de Pedagogia da UFV. Para estas, a Pedagogia não era o projeto de curso superior; mas dadas as posições de sujeito de gênero, de classe e de espaço geográfico, reorientou-se o movimento.

Nos condicionantes apontados nas narrativas das trajetórias analisadas, a universidade pública é a primeira condição para escolha. Esse é um recorte preciso que circunscreve a rota do caminho desenhado. A opção pela Pedagogia não é apenas pelo curso que ‘dá para passar’ para fazer universidade; é também o que dará empregabilidade e o que a universidade articula entre gênero e conhecimento via curso superior. Nesta perspectiva, a escolha não poderia ser pelo curso de Economia Doméstica na UFV – curso também considerado fácil e eminentemente para mulheres – devido à dificuldade de emprego na região. A opção pela Pedagogia, nas narrativas das trajetórias, se apresentou como o resultado de um processo de negociações de ‘identidades’.

A dimensão vocacional apareceu de formas distintas nas narrativas: uma delas, mais amplamente considerada, é a generalidade de “fazer o que gosta”, o que explicitamente incide no desejo de que a estudante encontre ‘autorrealização’ na profissão, de que tenha prazer com ela. Outra dimensão é quando a aluna constrói, na narrativa, uma vinculação entre o seu curso e a profissão de mulheres na família: a mãe e a tia. Aqui se insinua um tipo de ‘essencialismo’ geracional, aproximando as mulheres da família. Anunciar que a mãe ou a tia eram professoras funciona como justificativa da escolha, sem que haja necessidade de argumentação sobre essa provável relação; por si só apresenta-se como uma ‘hipótese causal’. A última forma é a histórica vocação feminina – que é a de “ter jeito com criança”, pronunciada e sugerida, e não por acaso, pelo namorado de uma das entrevistas.

A tensão gênero e classe, por sua vez, emerge em duas ‘tonalidades’: uma, pelo entendimento de que ser mulher e ser de classe popular não permite acesso a cursos com grande status, nos quais seriam hegemonicamente demandados conhecimentos ‘próprios aos homens’ (agronomia, veterinária, economia, etc.), ou próprios a pessoas com grande bagagem escolar e cultural. A outra tonalidade, em ‘degradé’ à anterior, é a do apoio da família à opção pela Pedagogia em função da empregabilidade que o curso oferece. A relação gênero e classe aqui é a reafirmação da máxima: ‘professora arruma emprego em qualquer lugar’.

Continua historicamente garantido às mulheres, principalmente de pequenas cidades, o trabalho como professora na escola. A feminização do trabalho docente garantiu às mulheres de classe popular acesso ao trabalho. No caso das escolas em pequenas cidades, o emprego é majoritariamente dentro do funcionalismo público municipal, o que traz grande segurança e estabilidade quanto à renda, mesmo sendo pouco remunerado.

O conjunto de nossas análises revela, assim, que a escolha pelo curso de Pedagogia de estudantes da Universidade Federal de Viçosa se apresentou como o resultado de um processo de negociações de ‘identidades’ de gênero, de classe e de pertencimento sociogeográfico que, por sua vez, mantêm intensa relação com as representações sociais construídas pelo grupo sobre o trabalho docente.

## Referências Bibliográficas

BARLETTTO, M. **Uma experiência de curso de formação de pedagogas** – diálogos entre diferentes trajetórias. 2006, 261p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2006.

CIAMPA, A. **A Estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo, Martins Fontes: 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: abr. 2008.

JODELET, D. Experiência e representações sociais. In: MENIN, M.S.S., SHIMIZU, A.M. (org.). **Experiência e representação social**: questões teóricas e metodológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KOFES, S. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. In: **Núcleo Pagu**. Gênero nos trópicos: leituras a partir do Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. CD-ROM.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image, son public**. Paris: PUF, 1961.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, 1992, p. 200-212.

REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TARDIF, M., RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. In: **Educação & Sociedade**. Campinas: Cedes, v. 21, n. 73. Dez. 2000, p. 209-244.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Submetido em: 22/3/2012

Aceito em: 21/6/2012